

equilíbrio das contas públicas. Mas ainda é cedo para traçar um perfil de atuação da nova equipe econômica. “Que era preciso elevar a Selic, todos concordavam. A inflação precisa convergir rapidamente para o centro da meta, o que deve levar o BC a promover novos aumentos ao longo de 2015, com a taxa chegando a 12,5% até o final do ano”.

Para Bandeira, ainda é cedo prever o efeito da alta de juros sobre outros indicadores econômicos. Em relação ao câmbio, por exemplo, o economista-chefe da Órama não acredita na formação de uma tendência no momento. “Ainda há muito ruído gerado pelas intervenções do BC no câmbio, com rolagens das operações de swap”. Segundo ele, a cotação do dólar ainda não é a ideal “O câmbio ainda está deslocado, o dólar precisa subir mais. Em compensação, Bandeira não acredita que os juros possam causar a queda da moeda da moeda americana. “A alta da Selic não vai necessariamente atrair mais dólares. Os investidores vão optar por uma quarentena, observando quais as medidas que a equipe econômica ainda irá tomar, para então se posicionar melhor”. ainda está muito deslocado, precisaria subir mais

A decisão do Banco Central mostra que a autoridade monetária está menos tolerante em aceitar a inflação acima do centro da meta. A afirmação e do estrategista-chefe do Banco Mizuho, Luciano Rostagno. O profissional lembra que o real está se desvalorizando desde a última reunião do Copom, quando a autoridade surpreendeu o mercado e elevou a taxa Selic em 0,25 pp. “Nada mudou desde a última reunião. O dólar continua subindo, a inflação está acima do teto da meta e as coletas de preços sugerem que a inflação continuará pressionada este mês e no início de 2015. A decisão mostra que o BC vai seguir o centro da meta”, diz.

Rostagno ressalta ainda que além do câmbio, a inflação ainda será pressionada pelos preços administrados. “2015 será um ano bastante difícil para o BC. Tem reajuste dos administrados que já estão contratados e a inflação de serviços não tem cedido como se esperada. Cabe ao BC atacar a inflação de preços livres acelerando a Selic”, avalia.

O profissional também espera que a Selic chegue ao final do primeiro trimestre em 12,5% ao ano, mas estima que no final do período o BC tenha condições de reduzir, trazendo a taxa para 12% em dezembro. “Depois de março pode abrir espaço para corte de juro no final do ano, considerando que a política fiscal vai ser mais austera e irá trabalhar em conjunto com a política monetária. A queda, se acontecer, será muito mais por isso”, avalia.

Selic a 11,75% tem pequeno impacto ao consumidor

Segundo Anefac, a repercussão é visível quando analisado o conjunto de aumentos definido pelo Copom desde março de 2013

Mariana Pitasse

mariana.pitasse@brasileconomico.com.br

A elevação da taxa básica de juros (Selic) de 11,25% para 11,75% ao ano, anunciada ontem pelo Comitê de Política Monetária (Copom), terá um efeito muito pequeno nas operações de crédito, segundo a Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). De acordo com o diretor executivo de Estudos e Pesquisas Econômicas da Anefac, Miguel Ribeiro de Oliveira, o impacto é visível quando analisado o conjunto de aumentos que o Copom realizou desde março de 2013.

As simulações do impacto do aumento da Selic nos juros trabalhados pelo mercado, produzidas pela Anefac, mostram que a taxa média ao ano somava 88,47%, em março de 2013. Já em outubro deste ano, a mesma média atingiu 103,05%, o que significa uma variação de 16,48%. Com o aumento anunciado ontem, a projeção é de que a taxa média dos juros de mercado chegue 103,97% ao ano, registrando uma alta de 0,89%.

“As variações anuais, com aumento da Selic de 11,25% para 11,75%, representam pequenas alterações em reais nas operações de crédito, o equivalente a alguns centavos. O que tem peso no bolso do consumidor é o conjunto de elevações da taxa de juros desde abril do ano passado. Em efeito isolado, o consumidor que contrair uma prestação com a nova Selic não perceberá a variação em rela-

ção a outubro, mas ao longo dos meses o impacto já está aparecendo”, explica o economista.

Oliveira ainda esclarece que a variação pode demorar um pouco a aparecer nas taxas de juros das operações de crédito. “Por conta da maior competição no sistema financeiro, é possível que algumas instituições possam manter inalteradas as suas taxas de juros das operações de crédito”, acrescenta.

Porém, o economista alerta que o conjunto de elevações impacta em um crescimento menor para o país. “O consumidor está na ponta da cadeia de efeitos negativos. Aquele que já contraiu dívidas, seja em cheque especial ou cartão de crédito, terá uma dificuldade maior de realizar pagamentos. Também fica cada vez mais difícil realizar financiamentos e consumir. As empresas, por sua vez, passam a vender menos e ter dificuldade para produzir. Isso gera desemprego, seguido do aumento inadimplência. É um ciclo vicioso”, explica.

Para Oliveira, com os atuais indicadores de inflação e o fato de o índice estar acima do centro da meta inflacionária, a elevação da taxa básica de juros já era esperada. “Mesmo com a expectativa, essa reunião foi diferente das demais. O período de transição da nova equipe econômica, o câmbio maior, a elevação dos preços públicos, como combustíveis, energia elétrica, transporte, pressionaram ainda mais a elevação. Nesse momento, ela tem o papel de mostrar ao mercado que o governo está muito preocupado com a inflação”, afirma o especialista.

IMPACTO DA ALTA SELIC NO MERCADO

Aumento das taxas de juros no mercado no período do ciclo de alta (%)

